

DOR E SOFRIMENTO NUM MUNDO SEM MEDIAÇÃO

Joel Birman*

Em uma discussão sobre as novas modalidades do mal-estar na pós-modernidade, destacamos o fato de que tais modalidades se apresentam agora sobretudo nos registros do corpo e da ação. Trabalhando com uma distinção entre dor e sofrimento, procuramos ainda mostrar o impacto dessas novas formas do mal-estar sobre as subjetividades contemporâneas, especialmente na relação com a alteridade.

Na contemporaneidade o mal-estar assume efetivamente novas modalidades. Este começava já a indicar a sua diferença desde os anos 70 e 80, mas foi certamente nos anos 90 que se exibiu ostensivamente com todos os seus signos. Como uma verdadeira **Prima Donna** da pós-modernidade, as novas formas de mal-estar se apresentaram com todo o barulho a que tem direito, fazendo bastante estardalhaço. Com efeito, no lugar das antigas modalidades de sofrimento centradas no conflito psíquico, nas quais se opunham sempre os imperativos dos impulsos e as interdições morais, o mal-estar se evidencia agora nos registros do **corpo** e da **ação**.

Assim, no cotidiano as pessoas se apresentam cada vez mais com queixas difusas localizadas sempre no corpo, que vão desde dores, diversas e inespecíficas, até sensações de completo esgotamento. O stress é a palavra mágica utilizada para se referir a isso, tanto pela mídia e pelo senso-comum quanto pelos próprios médicos para explicar esta proliferação do somático. Com isso, os preceitos para uma existência mais saudável fartamente se difundem no imaginário social. Com efeito, além de ser um receituário supostamente terapêutico para tais males, tudo isso funcionaria também na sua prevenção e até mesmo como condição de possibilidade para a longevidade. Das andadas cotidianas às massagens orientais, passando pelos exercícios regulares, as academias de ginástica se transformaram num

* Psicanalista, Professor do Instituto de Psicologia da UFRJ e do Instituto de Medicina Social da UERJ.

dos templos da atualidade. Sem esquecer do Spa, é claro, que se inscreve também na cartografia naturista de nosso imaginário, como lugar obrigatório que é agora para a invenção saudável da corporeidade. Tudo isso temperado com dietas especiais e suplementos vitamínicos, para a reposição de substâncias essenciais ao organismo e dos anti-oxidantes que nos garantirão a juventude eterna.

Porém, esta nova cultura do somático não se restringe apenas ao naturismo, é bom que se diga logo literalmente, desde o começo. Esta economia do corpo tem como contrapartida um intenso processo de medicalização. São as duas faces da mesma moeda, pelas quais se incide sempre sobre o corpo como o foco possível do mal-estar. Assim, das cirurgias plásticas aos infinitos exames regulares preventivos, tudo é possível. Nunca se consumiu tanto medicina e medicamentos como hoje, de forma tal que podemos dizer sem pestanejar, no que concerne à medicalização, que o céu é o limite. Pleiteamos decididamente agora não apenas a longevidade e a juventude eterna, como o personagem de Dorian Gray de O. Wilde, mas também a imortalidade, através das novas tecnologias reprodutivas e em particular da clonagem. Tanto a clonagem terapêutica quanto a reprodutiva tem, enfim, na imortalidade da espécie humana a sua finalidade primordial.

A produção da saúde se instituiu assim como norma fundamental para existência do cidadão pós-moderno. Os jornais e revistas se transformaram nos veículos de sua difusão, com matérias sempre recheadas por entrevistas e comentários de doutos especialistas no assunto. A televisão nos oferece também suporte imagético sobre isso, difundindo fartamente os preceitos do **new way of life**. Esta disseminação midiática do imperativo da saúde nos envolve cotidianamente como uma névoa densa, como uma modalidade de clarividência que nos é oferecida pela ciência e pela técnica, ao ponto de nos perguntarmos freqüentemente porque não nos valíamos disso há muito, evitando definitivamente então o mal-estar que nos afeta hoje.

Se o que se diz com estes comentários salta aos olhos de todos, não exigindo de nós nenhuma perspicácia especial para reconhecer a sua evidência, o mal-estar de hoje se manifesta também de outras maneiras. Estas se articulam intimamente com o dito mal-estar corpóreo. Com efeito, as depressões se transformaram no flagelo psíquico da atualidade, ao lado da

síndrome do pânico e das compulsões em geral. Dentre estas as toxicomanias se destacam é claro, mas num contexto onde a bulimia e a anorexia são parceiros cada vez mais resplandecentes. Não se pode esquecer, no entanto, que a toxicomania hoje se apresenta tanto no registro do uso das drogas pesadas, comercializadas pelo narcotráfico, quanto no dos psicofármacos prescritos regularmente pela medicina e pela psiquiatria.

O leitor poderia perguntar agora o que isso tem a ver com o corpo, afinal das contas. É preciso evocar, no entanto, que as depressões atuais se apresentam freqüentemente como mal-estar corporal, evidenciando-se com a sensação de perda da vitalidade e a pregnância do sentimento de vazio. Ao lado disso, o pânico é uma experiência que acontece também no registro do corpo, acompanhado pela angústia sempre da morte iminentes. Das batidas disparadas do coração à respiração ofegante, passando sempre pelos suores frios, é o corpo enquanto tal que é ameaçado pelo fantasma da morte. É a corporeidade, enfim, que está também aqui em questão.

Porém, nas depressões e no pânico o corpo se ramifica também para o registro da ação, pois em ambas se evidenciam as impossibilidades radicais de ação para a subjetividade. A impotência se impõe então, atingindo até mesmo o limite da paralisia. Pode-se depreender, assim, a articulação disso tudo com as compulsões em geral, na medida que estas incidem sobre a ação. A compulsão, com efeito, é uma forma perturbada de ação, na qual o sujeito não consegue mais regular os seus impulsos, que se descarregam como atos rudes e que se voltam até mesmo contra a própria auto-conservação do corpo. É o que acontece com as toxicomanias, a bulimia e a anorexia, nos quais a vida é frontalmente colocada em risco pelo sujeito. Não se pode deixar de articular isso tudo com a ânsia do consumo que caracteriza igualmente a contemporaneidade, na medida que o consumir se realiza hoje como uma efetiva compulsão, de igual ordem como as outras que foram acima mencionadas.

Uma leitura meticulosa destes signos do mal-estar pode ainda evidenciar como as compulsões seriam formas tumultuadas de ação que a subjetividade lança mão diante das suas impossibilidades de ação. Acuado e paralisado, invadido que é pela fragmentação corporal, pela incerteza e pela suspensão de si, o sujeito age de maneira atabalhoada para encontrar alguma

forma de tónus que funcione como um centramento e vertebração de si mesmo. Não estou discutindo aqui a eficácia real disso, já que as compulsões se inscrevem no registro do imaginário e seus efeitos são sempre de curta duração. Por isso mesmo, tem que ser repetidas infinitamente, constituindo aquilo que Freud denominou de compulsão à repetição, já que a sua eficiência como ato é quase nula.

Estamos diante, portanto, de um conjunto de signos que constituem o mal-estar num outro formato, centrados agora no corpo e na ação. Em contrapartida, a linguagem se empobrece à olhos vistos, mesmo quando é usada de maneira gramaticalmente correta. Com efeito, o registro metafórico daquela se faz cada vez mais pobre, na medida que a dimensão informacional do discurso esvazia a sua dimensão simbólica. A linguagem se evidencia, então, como uma retórica instrumental pela perda progressiva de sua dimensão como **poiesis**. A ação coartada se desdobra, enfim, na compulsão e na linguagem instrumental, sendo esta também uma forma outra de ação restrita. Pode-se depreender disso, enfim, que por este viés é o pensamento enquanto tal que é aqui atingido.

Não se pode deixar de mencionar aqui também a marca da violência, já que esta é um outro traço marcante do mal-estar contemporâneo. A violência gratuita caracteriza a subjetividade atual, se evidenciando freqüentemente como passagem ao ato, isto é, como uma descarga psicossomática com nulo potencial de simbolização. Trata-se evidentemente de uma perturbação da ação, como os outros já mencionados, mas que evidencia os seus efeitos no agir humano pelo empobrecimento, dos processos de simbolização do discurso, na medida que este não conseguem regular devidamente os impulsos.

Dito tudo isso, poder-se-ia indagar agora de que maneira é possível costurar todos estes signos do mal-estar, para não me restringir aqui à uma mera descrição. Pode-se interpretar estes signos de diferentes formas, evidentemente, indicando até mesmo a complementaridade destas leituras. Pretendo insistir aqui apenas numa direção interpretativa, mas que suponho ser o suficientemente ampla para que se possa inscrever no seu campo outras leituras suplementares.

Assim, indo direto ao ponto gostaria de afirmar que o mal-estar contemporâneo se caracteriza principalmente como **dor** e não como **sofrimento**. Vale dizer, a subjetividade atual não consegue mais transformar dor em sofrimento, estando aqui a sua marca diferencial e inconfundível. Os leitores poderiam ficar espantados e até mesmo aturdidos com o que estou afirmando, na medida que não possam reconhecer qualquer diferença significativa entre as experiências da dor e sofrimento. Porém, é justamente isso que estou formulando aqui. O que quero dizer com isso, afinal das contas? Qual a diferença, para a subjetividade, entre ter dor e sofrer?

É preciso reconhecer aqui, antes de mais nada, que a dor é uma experiência em que a subjetividade se fecha sobre si própria, não existindo qualquer lugar para o outro no seu mal-estar. Assim, a dor é uma experiência marcadamente solipsista, restringindo-se o indivíduo a si mesmo, não revelando este então qualquer dimensão alteritária. A interlocução com o outro fica assim coartada na dor, que se restringe a um murmúrio e a um mero lamento, por mais aguda e intensa que seja aquela. Daí a passividade que domina sempre o indivíduo quando algo em si dói, esperando que alguém tome uma atitude por si na sua dor. Se isso não ocorre esta pode mortificar o corpo do indivíduo, minando o somático e forjando sempre o vazio da auto-estima. Ou, então, a dor pode fomentar as compulsões e a violência, maneira imaginária que são estas de descarga atabalhoada daquilo que dói. Imersa que fica na dor, portanto a subjetividade contemporânea se evidencia como essencialmente narcísica, não se abrindo para o outro, de forma a poder dirigir para este um apelo.

Em contrapartida, o sofrimento é uma experiência essencialmente alteritária. O outro está sempre presente para a subjetividade sofrente, que se dirige a ele com o seu apelo e lhe endereça uma demanda. Daí a sua dimensão de atividade, no qual se inscreve sempre a interlocução na experiência do sofrimento. Isso porque a subjetividade reconhece aqui que não é auto-suficiente, como ocorre na experiência da dor.

Depreende-se então que se corpo e a ação são os registros por excelência do mal-estar hoje, isto se deve à condição solipsista da subjetividade na atualidade, coartada que esta é de qualquer interlocução com o mundo. Este se restringe cada vez mais aos registros pragmático e funcional,

perdendo então a sua dimensão simbólica. Daí porque a linguagem como poiesis se empobrece, perdendo marcadamente o seu poder metafórico. A instrumentalização do corpo pela medicalização e pelo naturismo encontra aqui o seu canteiro de obras, enfim, na medida que se inscreve aqui a matéria-prima para a produção e a disseminação destes discursos sobre a saúde.

Em decorrência disso, alguns autores enunciam decididamente que assistimos hoje ao retorno da **barbárie**, no contexto do apogeu da civilização técnico-científica e da sociedade pós-industrial. Todos formulam isso sem alardes dramáticos, mas com a radicalidade que a tragicidade da situação exige daqueles que querem pensá-la. Assim, numa leitura do conceito foucaultiano de bio-poder, Agamben indica como este é o operador primordial da vida nua (**Zoe**), que apaga progressivamente as marcas da vida qualificada (**Bios**).¹ A biologização da vida é a sua resultante maior. Com isso, a medicalização da vida produz conseqüências imprevisíveis na sociedade contemporânea. Outros teóricos, na linhagem filosófica de Heidegger, enunciam que existimos hoje num **imundo** e não mais num mundo, nas impossibilidades que nos encontramos de produzir **sentido**. Nancy² e Mattéi³ não tematizam isso da mesma maneira, mas a problemática da globalização esta sempre presentes nos seus horizontes teóricos. De qualquer forma, se a subjetividade contemporânea não consegue mais transformar dor em sofrimento, isso se deve à impossibilidade de interlocução do sujeito, que lançado na vida nua e no mundo sem sentido se chafurda no abismo da depressão. Enfim, o vazio da subjetividade atual é o correlato do mundo que perdeu o sentido.

Porém, no registro sociológico e político pode-se caracterizar este solipsismo e a perda da alteridade da subjetividade atual pela quebra da **mediação** no espaço social. Seria apenas pela presença de mediadores no social, com efeito, que a fala e a linguagem poderiam fluir como discurso, marcadas que seriam estas pela **negatividade**. Isso porque esta seria a condição de possibilidade da simbolização. Sem a presença da mediação a subjetividade pós-moderna se restringe cada vez mais à pura **negação**,

¹ Agamben, G. *Homo Sacer*. Belo Horizonte, UFMG, 2002.

² Nancy, J.L. *La création du monde ou la mondialisation*. Paris, Galilée, 2002.

³ Mattéi, J.F. *A barbárie interior*. São Paulo, UNESP, 2001.

afirmando-se simplesmente pelos murmúrios do negacionismo impotente. Com isso, a dor de existir não se transforma jamais em sofrimento, não podendo ser endereçada ao outro como demanda, de maneira a poder constituir efetivamente um mundo de iguais, isto é, de sujeitos que estão no mesmo barco.

Em decorrência de todos esses impasses ficamos, então, amesquinados como sujeitos, nos exercitando nas ginásticas e massagens exóticas, atribuindo valores mágicos para as dietas, quando não francamente intoxicados por tranqüilizantes e antidepressivos, incapazes que somos de criar mediações no mundo.